



ISSN 1984-5634

DOSSIÊ

UNEB NA CAMPANHA IGUALDADE E JUSTIÇA 200 ANOS DE INDEPENDÊNCIA DO BRASIL NA BAHIA: PROJETO DE EXTENSÃO “O TERRITÓRIO INDÍGENA PAYAYÁ: ESPAÇO MULTIRREFERENCIAL DE APRENDIZAGEM (EMA) NO CAMPO DA ANÁLISE COGNITIVA”

UNEB in the Equality and Justice Campaign 200 years of Independence of Brazil in Bahia: extension project “The Payayá indigenous territory: multi-referential learning space (EMA) in the field of Cognitive Analysis”

ANA CLEIDE SANTOS DE SOUZA – PÁYAYÁ¹

LELIANA SANTOS DE SOUSA²

SÍLVIO ROBERTO DOS SANTOS OLIVEIRA³

RESUMO

Este texto aborda o território indígena Payayá como espaço multirreferencial de aprendizagem no campo da análise cognitiva, projeto de extensão da UNEB na Campanha Igualdade e Justiça: 200 Anos de Independência do Brasil na Bahia. Na Chapada Diamantina, o Território Payayá se contextualiza na evidência de sua identidade e cultura com reflexões sobre o reconhecimento e a ancestralidade desse povo. A metodologia da pesquisa é de natureza exploratória e descritiva, mediante dados primários, referenciais bibliográficos que constituem a fundamentação teórica deste trabalho e dos resultados dos círculos de cultura realizados. O estudo objetiva dimensionar experiências, estratégias e práticas cotidianas dos indígenas ao longo da História do Brasil, destacando sobre as articulações políticas e socioculturais e os modos de existência que os envolvem a partir de suas relações como povos originários.

PALAVRAS-CHAVE: Povo Payayá; Análise Cognitiva (AnCo); 200 anos de Independência do Brasil na Bahia.

ABSTRACT

This text addresses the Payayá indigenous territory as a multi-referential space for learning in the field of cognitive analysis, an extension project by UNEB in the Equality and Justice Campaign: 200 Years of Independence of Brazil in Bahia. In Chapada Diamantina, the Payayá Territory is contextualized in the evidence of its identity and culture with reflections on the recognition and ancestry of this people. The research methodology is of an exploratory and descriptive nature, using primary data, bibliographic references that constitute the theoretical foundation of this work and the results of the culture circles carried out. The study aims to measure experiences, strategies and daily practices of indigenous people throughout the History of Brazil, highlighting the political and sociocultural articulations and modes of existence that involve them from their relationships as original peoples.

KEYWORDS: Payayá People; Cognitive Analysis (AnCo); 200 years of Independence of Brazil in Bahia

EDITORA-CHEFE:

Elisa Schneider Venzon

EDITOR-GERENTE:

Leandro Ferreira Souza

SUBMETIDO: 06/07/2023

ACEITO: 14/08/2023

COMO CITAR:

SOUZA, A. C. S. de; SOUSA, L. S. de; OLIVEIRA, S. R. dos S. UNEB na Campanha Igualdade e Justiça 200 anos de Independência do Brasil na Bahia: projeto de extensão “O território indígena Payayá: espaço multirreferencial de aprendizagem (EMA) no campo da Análise Cognitiva. *Aedos*, Porto Alegre, v. 16, n. 35, p. 420-435, dez.-mar., 2024.

<https://seer.ufrgs.br/aedos>

¹ Doutoranda em Difusão do Conhecimento (PPGDC). Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Analista Universitária. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3751-2029>. E-mail: acssouza@uneb.br

² Doutora em Ciências da Educação pela Université Vincennes Saint-Denis Paris 8 França. Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6979-4617>. E-mail: lelisousa@uneb.br

³ Doutorado em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professor Titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5398-5243>. E-mail: sroliveira@uneb.br

Este artigo nos apresenta o projeto de extensão financiado pelo Edital 111/22, no âmbito da Edição Especial do Programa de Apoio a Projetos de Extensão (PROAPEX) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), criado pela Resolução Nº 766/2010 do Conselho Universitário (CONSU) desta Universidade. A referida Instituição possui a missão de prover com qualidade e eficiência os serviços de tecnologia da informação para apoio às atividades administrativas e acadêmicas da Universidade.

A Campanha propõe o desenvolvimento de ações que valorizem e reconheçam as contribuições das pessoas e comunidades vulnerabilizadas que historicamente estiveram à margem das narrativas oficiais da identidade brasileira. Dessa forma, promoverá a reflexão sobre as condições de igualdade e justiça social, institucional, econômica, ambiental e climática em nosso país e no Estado da Bahia.

O projeto foi aprovado no certame e executado pelos autores em rede colaborativa com o Departamento de Educação, Campus I (DEDC I) e o Centro de Pesquisa em Educação e Desenvolvimento Regional (CPEDR) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Trata-se do desenvolvimento de ações, no período de março a julho de 2023, voltadas para a Campanha Igualdade e Justiça: 200 Anos de Independência do Brasil na Bahia.

No projeto foi necessário contextualizar o espaço multirreferencial de aprendizagem do Território através da observação desse povo no contexto da Campanha e dos movimentos de luta e resistência que essa comunidade vivencia com o crescente criativo de novas descobertas individuais e coletivas que promove a troca de saberes entre o povo Payayá, pesquisadores, servidores, estudantes, sendo difundidos para a sociedade.

O povo indígena Payayá possui sua aldeia em Cabeceira do Rio, Utinga/Ba, território da Chapada Diamantina, a aproximadamente 400 km da capital baiana. O projeto de extensão desenvolvido teve a finalidade de compreender os processos históricos e as dinâmicas locais associadas às formas próprias de ser e de viver. Isto implica no desenvolvimento local/regional, na compreensão do Movimento Associativo Indígena Payayá (MAIP) através da contextualização da história de luta dos indígenas Payayá pelo reconhecimento de seu povo na construção desse espaço de transversalidade, interseccionalidade, diversidade, diferenças, rupturas e transformações que são constitutivas da cognição humana. O projeto buscou reafirmar no âmbito da UNEB da extensão universitária, como processo acadêmico e institucionalizado, em consonância com o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), a política de ações afirmativas, mediante práticas de equidade, indistintamente, a todas as diversidades: étnicas, raciais, culturais, de gênero, de geração/faixa etária, de inserção territorial-geográfica, de condições físicas e/ou históricas desvantajosas e outras, que se explicitam no contingente de estudantes, professores e servidores técnicos e administrativos

nos diversos departamentos da Universidade. O estudo faz parte da observação desses eixos prioritários ligados à inclusão de promoção da igualdade e de garantia da equidade e de justiça social no âmbito da comunidade universitária, buscando aprofundar a compreensão desses eixos na comparação com outros que se evidenciem na pesquisa de campo, remanescentes numa perspectiva histórica, abrangendo os Territórios de Identidade onde o povo Payayá mais difunde seus conhecimentos e cultura indígena, Chapada Diamantina (municípios de Andaraí, Lencóis, Andaraí, Piatã, Seabra, Utinga e Wagner) e Piemonte da Diamantina (municípios de Jacobina, Miguel Calmon, Várzea Nova), discutindo os nexos entre a educação, a diversidade cultural, modos de ser, através de pesquisa interdisciplinar, priorizando-se análises nas áreas de Educação, da Cultura, da Economia (cadeias produtivas locais) e da Política/Gestão locais. O projeto foi realizado através de mecanismos de integração entre os diversos saberes, visando à produção de conhecimentos resultantes do confronto com as demandas sociais, regionais, propiciando a articulação entre teoria e prática, com a participação de uma monitora bolsista e, além disso, quatro monitoras voluntárias.

A metodologia da pesquisa ampliada é de natureza descritiva destacando detalhadamente os dados observados e verificados junto ao povo Payayá, a partir de sua história contada, de levantamento e análise de dados primários e secundários e referenciais bibliográficos que constituem a fundamentação teórica do trabalho. Neste contexto, o processo metodológico constitui-se do reconhecimento do território indígena Payayá com suas atividades voltadas à difusão do conhecimento. Foi proposta a realização de círculos de cultura *on-line* quinzenais com a troca de saberes entre o povo Payayá, pesquisadores, servidores e estudantes da UNEB. Para junho, organizou-se visita presencial com oficinas e círculos de cultura no território indígena Payayá. Nesse processo de construção do conhecimento, a comunidade UNEBiana pode conhecer a etnia Payayá, seus torés, com leituras e reflexões sobre as produções artísticas desses povos originários da Cabeceira do Rio, Utinga/BA.

Do ponto de vista acadêmico este artigo possui relevância institucional e social por expor resultados deste projeto de extensão, que enfatiza o fortalecimento da aprendizagem por meio das monitoras, no alinhamento entre teoria e prática, ao contribuir para a construção de uma Universidade que responda às demandas sociais locais das comunidades tradicionais indígenas, de acordo com os critérios acadêmicos da UNEB e dos princípios e diretrizes de seu PDI. Assim, produzirá conhecimentos à comunidade interna e externa, viabilizando espaço para diálogo, construção e socialização de conhecimentos dos participantes, público interno e externo.

Sobre o aspecto social, repercute-se no destaque ao território indígena Payayá e suas influências, pois se provoca na aldeia movimentos coletivos e de espiritualidade ancestral reverberando reflexões na sociedade. Além disso, dimensiona experiências, estratégias e práticas dos povos originários ao longo da História do Brasil, destacando sobre as articulações políticas e

socioculturais e os modos de existência que os envolvem a partir de suas relações. Do ponto de vista pessoal, justifica-se este artigo pela gratificante experiência dos autores no engajamento dessa luta de resistência dos povos tradicionais, além de ajudar a ampliar o olhar apurado da comunidade e fortalecer o próprio sentido do Território no contexto histórico. Nesse processo, formula-se o seguinte questionamento: Como se deu a participação dos indígenas no Dois de Julho?

Aborda-se aqui a participação efetiva dos heróis da luta pela independência do Brasil na Bahia, cujo caboclo é o principal símbolo da Independência na Bahia, com seus adereços de penas, os cabelos escorregadios e o arco e flecha nas mãos: trata-se de um indígena, o Cacique Bartolomeu Jacaré, um brasileiro nato que representou nesse momento toda uma oposição política àqueles que buscavam recolonizar o Brasil, luta que fez com que o exército português deixasse em definitivo a província da Bahia. Verifica-se no arquivo Público da Bahia a existência de vários documentos que registram a história dos indígenas na Independência da Bahia, eles não apenas estavam presentes nas trincheiras da guerra como também disputaram posições políticas na construção do Brasil Independente enquanto povo originário do território da Bahia.

Os baianos comemoram todos os anos com uma festa popular homenageando os heróis de Dois de Julho: Joana Angélica, Maria Quitéria, Maria Felipa, João das Botas, Frei Brayner e os Encourados de Pedrão, o Corneteiro Lopes, Tambor Soledade e dentre eles o Cacique Bartolomeu Jacaré. Contudo, o indígena perdeu espaço para uma imagem mais mestiça e o caboclo passou a representar o povo misturado da Bahia, componentes negros e indígenas.

Assim, definiu-se como objetivo geral da pesquisa: Investigar como se desenvolveram as lutas e movimentos de resistência indígena nessa comunidade de etnia Payayá. E mais especificamente:

1. Averiguar os movimentos de resistência do povo indígena Payayá e o reconhecimento desse Território;
2. Discutir a participação dos indígenas no processo de Independência na Bahia;
3. Destacar a atuação dos indígenas Payayá no Dois de Julho.

Desse modo, busca-se compreender a participação do povo Payayá no processo de Independência do Brasil na Bahia, considerando a história e cultura do povo Payayá e a Campanha Igualdade e Justiça.

RECONHECIMENTO DO TERRITÓRIO INDÍGENA PAYAYÁ

Segundo Fernando Almeida, “os indígenas perdiam muito ao ingressarem nos aldeamentos, pois viviam em condição subordinada, sujeitos ao trabalho compulsório, misturados com outros grupos étnicos e expostos a doenças, conflitos e maus tratos” (2007, p. 129). E o pior de tudo, eram

“proibidos de manifestarem suas tradições, práticas culturais, e obrigados a incorporarem novos valores como subordinados da Coroa” (ALMEIDA, 2007, p. 129). Várias leituras dos discursos e representações presentes em fontes documentais revelam o dinamismo histórico-cultural das interações entre os Payayá e os colonizadores, por meio dos conflitos e espaços de negociação.

De acordo com a análise de Pedro Puntoni (2002), a Guerra dos Bárbaros (1651-1704) foi como ficou conhecida a série de conflitos, envolvendo os colonizadores portugueses e várias etnias indígenas, nos aldeamentos e nas expedições para buscar índios para escravizar no interior do Brasil. Várias políticas de aliança militar foram formadas no cenário do Sertão das Jacobinas, como era conhecido o município de Jacobina, na Bahia, a cidade do ouro, onde os primeiros habitantes foram os indígenas, chamados de “tapuias” dentre os quais se destacaram os da etnia Payayá: um velho cacique mais influente chamado Jacó e a sua sábia companheira chamada Bina. Segundo Raimundo Aragão (1994), a Guerra dos Bárbaros aconteceu nas capitanias do Nordeste do Brasil, a partir de 1683, foram conflitos, rebeliões, envolvendo os colonizadores portugueses e várias etnias indígenas tapuias.

A partir da Guerra dos Bárbaros tenta-se perceber as relações da guerra de extermínio movida contra os índios do sertão, tidos por bárbaros e indomáveis, com as disputas políticas que se gestavam na América portuguesa no final do século XVII. Após a Guerra dos Bárbaros, houve a dispersão dos diversos grupos indígenas, mas o povo Payayá não foi dizimado no Sertão das Jacobinas, pois sobreviveu no enfrentamento da perseguição política, religiosa e étnica.

Segundo a história contada por eles mesmos, o povo indígena Payayá foi perseguido por fazendeiros, mineradores, bandeirantes e autoridades em geral. As mulheres desse povo foram estupradas, muitos dos homens foram dizimados na luta, como podemos ver em *Roda de Prosa na Periferia*, livro escrito pelo cacique Juvenal Payayá (2023). Não obstante, resistiram ao colonialismo ficando durante um tempo histórico espalhados em territórios de diferentes regiões da Bahia e do Brasil. Ressalta-se que as famílias Gonzaga, Góis e Martins de Cabeceira do Rio são frutos históricos da união deste povo.

Desde a última década do século XX, o povo indígena Payayá tem lutado contra a história linear e teleológica que falseou as descontinuidades e os desvios históricos. A luta para que os remanescentes Payayá sejam reconhecidos ressurgiu a partir da década de 90, com Juvenal Teodoro, da família Gonzaga da Cabeceira do Rio. A vida dele, do Cacique Juvenal Payayá, tem forte relação com a história de seu povo. O colonizador encontrou com os Payayá na aldeia de Utinga, exatamente e coincidentemente em dois de julho de 1678. Seu cacique era Sacambuasu Payayá, que, uma vez morto, foi esquecido pela história, mas não no sangue que corre pelas veias dos remanescentes, embora muitos tenham se calado, talvez por estratégia mesmo de sobrevivência. Os poucos que sobraram permaneceram em Cabeceira do Rio, Utinga, e, ao invés de Payayá, chamavam-se

Gameleira. O seu último líder foi Raimundo Gonzaga (tio-avô do atual Cacique Juvenal Payayá), que morreu em 1954. Dos sobreviventes, a maioria do povo migrou para o sul e por lá constituiu família, sem saber quem é quem, de onde vieram e nem conhecendo a histórica saga dos Payayá. (LIMA, 2019, p. 192)

No fim do século XX, Juvenal Payayá, com apoio de alguns indígenas e intelectuais, participou da fundação da União Nacional dos Indíodescendentes (UNID) e conseguiu reunir o povo indígena em Cabeceira do Rio, após o silêncio de mais de três séculos. Ainda assim, era preciso um ato mais marcante, o que ocorreu em 2008 durante o Congresso E14, na Reserva Indígena Tuxá de Surubabel, em Rodelas/Ba: foram reunidos os 14 povos indígenas reconhecidos da Bahia, com a presença dos Payayá, na busca da oportunidade de inclusão no rol dos índios da Bahia. O Congresso mudou de nome, passou a ser chamado de Congresso E14+, caracterizando-se esse reconhecimento como a primeira grande vitória contemporânea do povo Payayá.

Ainda assim, era preciso unir o povo Payayá, dizer que índio não obrigatoriamente precisa estar na mata, ele pode estar na terra, na cidade. A questão seria saber mais da história, buscar pessoas, ouvi-las, torná-las aliadas desta luta – a luta pela existência indígena Payayá. Após várias assembleias, criação de comissões, visitas a Secretaria de Justiça, em 2008, o povo Payayá percebeu a necessidade de criação do Movimento Associativo Indígena Payayá (MAIP) que trouxe mais visibilidade e reconhecimento ao povo Payayá. Em 2010 o MAIP foi registrado, incluindo em média 30 famílias para a realização de um objetivo comum: ajudar a comunidade local na busca da autossuficiência econômica.

Através da criação do MAIP vários projetos estaduais, federais e de inclusão foram aprovados: em 2012, o povo Payayá obteve sucesso em edital federal para a construção de viveiro de mudas, voltado ao reflorestamento da região por meio da distribuição de mudas de Pau-Brasil, Jacarandá, Mogno, entre outras. Com muita luta, em janeiro de 2019, o povo Payayá conquistou seu Território através de um grupo formado por representantes das secretarias estaduais de Desenvolvimento Rural (SDR) e de Justiça, Direitos Humanos, Desenvolvimento Social (SJDHDS), que realizou o ato de entrega oficial das terras cedidas pelo Governo do Estado aos indígenas da etnia Payayá. Em seguida, teve-se no Território a aprovação de outros projetos, como o da aquisição de ovelhas para criação, implantação de energia solar para uso em irrigação e aquisição de maquinário, através dos quais o povo Payayá passou a trabalhar mais na terra com agricultura e pecuária.

Os Payayá encontram-se em “Yapira”; ou seja, esta palavra de origem tupi significa “o princípio do rio”, representados pelo Cacique Juvenal Payayá, seu chefe político, pelo Pajé Otto Payayá, conhecedor das ervas, liderança que conhece profundamente a flora regional e por meio

dela cuida da saúde dos membros da aldeia e das demais pessoas residentes em Cabeceira do Rio e adjacências.

Destaca-se na parte cultural do povo Payayá, as suas apresentações místicas realizadas em feiras agroecológicas, congressos, escolas e também o evento da VI Jornada de Agroecologia da Bahia - Teia dos Povos (2019), que aconteceu no Território, com muitos participantes. Estes e outros eventos fortalecem o turismo e o comércio na cidade e amplia a visibilidade ao povo Payayá. Como produções artísticas, tem-se o artesanato com maracás, cocares, cachimbos, inaladores de rapé, colares, brincos, pulseiras, entre outros adereços indígenas. O povo Payayá prepara compotas de doces, pimentas, geleias, licores, cachaças, queijos, cervejas artesanais com ingredientes retirados do Território.

Pode-se encontrar em suas produções audiovisuais muitos vídeos publicados no *YouTube* em diversos canais, como o da TV UNEB Seabra em realização com o *Ubyíara Payayá: Conquista do Território – ELA* (2021) e *Curtas ELA Ancestralidades – Oré Payayá* (2022). As produções artísticas, os seus registros, patrimônios imateriais, se aprofundam nas manifestações culturais na expectativa de evidenciar a identidade dessa etnia. A poesia, a literatura e os torés para o povo Payayá representam misticismo, espiritualidade, informação, resistência, oportunidade de estreitamento de laços entre familiares, além de reverberar para o mundo os resultados do trabalho de resgate e consolidação da cultura de seu povo. Na perspectiva da difusão do conhecimento, conforme Fróes Burnham,

os sujeitos conhecem, produzem, constroem, divulgam, materializam, compartilham, difundem, interpretam, hegemonomizam, são hegemonomizados, são ocultados, transformados, apropriados e incorporados nas práticas cotidianas dos sujeitos e das sociedades. (2012, p. 23)

Esses espaços de conhecimentos descrevem as trajetórias e materializaram relações de construção, desconstrução e de reconstrução de informações e conhecimentos. Com quantas personagens se faz um Dois de Julho? Neste projeto de extensão oportunizou-se o contato com o povo Payayá e a reflexão através de diálogos propostos, depoimentos e da releitura de fatos históricos.

A visão contemporânea Payayá de mundo talvez esteja alegorizada pelo poema *América Indígena*, de Juvenal Payayá. Nesse poema, as intersecções étnico-raciais, ancestrais, da memória, inclusive históricas e que fazem dialogar, em meio às sabidas violências do colonizador, as invasões, expropriações e expulsões forçadas de povo indígenas, escravizações e migrações de povos africanos, todos esses dispositivos e povos aprendendo, em lutas, a existir. O povo Payayá cresce e se fortalece nessa roda, nesse terreiro de vivências, contendas e aprendizados, em uma terra que é “indígena, com certeza”. Conforme publicado em Bahia (2014):

Oh! Meu rei tupinambá.
Deus salve o oratório,
O terreiro de Jesus,
A mandinga da kaatinga
Refúgio e berço Payayá.

UM OLHAR SOBRE OS CÍRCULOS DE CULTURA *ON-LINE*

De acordo com Leliana Sousa, Patrícia Galvão, Ketsan Pontes (2007), “o indígena vai ocupando assim os lugares contradizendo aquela visão de que os índios viviam, caçavam, pescavam, não tinham conhecimento científico, e de que não serviam ao desenvolvimento” (p. 3). Do ponto de vista da criação e consolidação da Associação MAIP, o território indígena Payayá, tem reafirmado a sua identidade e a cultura desse povo, tendo a aldeia como um lugar simbólico, cheio de saberes e práticas, ancestralidade, novas aprendizagens, com a influência da linguagem própria desse lugar.

Os círculos de cultura realizados na modalidade *on-line* constituíram a primeira parte do processo metodológico para o reconhecimento do território indígena Payayá com suas atividades voltadas à difusão do conhecimento. Os encontros aconteceram com propostas de temáticas variadas promovendo a troca de saberes e práticas com o povo Payayá, apresentando reflexão sobre a participação dos indígenas no processo de Independência do Brasil na Bahia.

Nessa perspectiva, tendo em vista o entendimento e a consideração das características histórico-culturais de cada comunidade, percorre-se do paradigma da cosmodernidade estabelecido por Basarad Nicolescu (2008), da complexidade de Edgar Morin, Emilio Ciurana e Raúl Motta (2003) e da polilógica de Dante Galeffi (2002), para abordar o conhecimento através de uma epistemologia complexa, criativa, transdisciplinar, polissêmica, transcultural, transnacional e transpolítica. Galeffi (2002) evidencia-nos a necessidade, no campo das ciências humanas, de leituras interpretativas de múltiplas lógicas para darmos conta da dinâmica dos seres humanos nas suas dimensões existenciais.

O referido projeto de extensão foi concebido para desenvolver-se de modo interdisciplinar, a fim de propor descrições e análises acerca da integridade social, institucional, econômica, ambiental, climática e da qualidade de vida, através de múltiplos olhares com vistas a proposições de soluções em articulação com as representações locais/regionais da UNEB, de acordo configuração institucional.

Utilizou-se no processo estratégias de divulgação como o *Instagram* @campanha200anos_payaya, com a publicação e apresentação de registros, com ampla divulgação nas redes sociais convidando a todos e todas com interesse à referida temática. Logo, foi atendido também os princípios da comunicação comunitária no sentido da escuta e valorização da linguagem

associada aos saberes tradicionais locais, para maior potencialidade das possíveis ações realizadas em campo.

O projeto de extensão sugere a valorização da cultura indígena, o estímulo à leitura, ao reconhecimento da identidade individual do ser, além de fortalecer a campanha Igualdade e Justiça: 200 Anos de Independência do Brasil na Bahia. Os encontros proporcionam espaços de interação, sentimento de pertencimento, fortalecimento de redes de relacionamento, reflexões sobre a ancestralidade, sobre o bem viver, provocam emoções contribuindo para melhor compreensão do espaço multirreferencial de aprendizagem e reconhecimento do povo Payayá.

O primeiro círculo de cultura foi sobre o território indígena Payayá no contexto da Campanha Igualdade e Justiça: 200 anos de Independência do Brasil na Bahia, com a participação do Cacique Juvenal Payayá, Edilene Payayá e Prof. Dr. Silvio Roberto Oliveira, caracterizando o território indígena Payayá e contextualizando os fatos históricos com questões provocadoras sobre a temática da Campanha na roda de conversa com o coletivo.

No segundo círculo de cultura, abordou-se reflexões sobre o reconhecimento e a ancestralidade do povo indígena Payayá, com a participação de Edilene Payayá, Alejandro e Sarah Góes, oportunidade para o depoimento do povo Payayá espalhado pelo Brasil, com presenças e vozes de indígenas Payayá que estão morando em outros estados, como Minas Gerais, Brasília, São Paulo, Pernambuco, alguns em processo de diáspora, pois seus avós, bisavós, precisaram em décadas pregressas sair de Cabeceira do Rio ou da Chapada Diamantina.

O terceiro círculo de cultura promoveu discussões em torno da retomada do território indígena Payayá e da proposição do Título de Doutor *Honoris Causa* da UNEB ao Cacique Juvenal Payayá, com a participação do próprio, cujo nome por completo é Juvenal Teodoro da Silva, de Edilene Payayá, Jacinta Payayá e Otto Payayá, quando foi explicado o processo de retomada do povo Payayá e a história do Cacique, com o detalhamento da proposta de concessão do Título de Doutor *Honoris Causa*. A proposta foi feita pela autora deste artigo, via Sistema Eletrônico de Informações (SEI), através de processo encaminhado ao Conselho Universitário (CONSU) da UNEB, esta homenagem sendo um dos resultados esperados do projeto de extensão desenvolvido, assim como da pesquisa de doutoramento da autora. Explicou-se no Círculo de Cultura que o processo tinha sido deferido e que aguardava votação no CONSU da UNEB, que seria na modalidade *on-line*, secreta, onde os Conselheiros iriam preencher o formulário via *Google*. Caso fosse aprovada, o Cacique receberia esse título em reconhecimento por toda a sua militância indígena como escritor e poeta indígena. Para nossa gratificação, a homenagem foi aprovada.

O quarto círculo de cultura trouxe a temática Mulheres Payayá: troca de saberes com novas descobertas individuais e coletivas do povo Payayá, com a participação de Tia Lourdes Payayá, Edilene Payayá, Jumara Payayá, Alba Payayá, Val Payayá, Ayla Payayá, Laura Payayá, Aline

Payayá, Márcia Payayá, Jamile Payayá. Nesse dia, as mulheres contaram sobre seus desafios de ser mulher indígena em relação à perspectiva do empoderamento e do contexto urbano, fora da cultura originária, o que aumenta a dificuldade de sua identificação indígena pela aculturação.

No quinto círculo de cultura abordou-se a Naturopatia: o poder das ervas para os Payayá, com a participação de Otto Payayá, Jumara Payayá e Jacinta Payayá, quando houve discussão sobre a utilização das ervas, o uso da natureza para promoção da vida saudável e a necessidade de conscientização para a reeducação alimentar diante da crescente industrialização.

Os círculos ocorreram no período da noite através de *link* disponível na *bio* do *Instagram* da Campanha, com público variado, com novas pessoas engajadas a cada encontro. Além dos círculos, a equipe executora reuniu-se em momentos de formação interna, onde as monitoras foram orientadas e ouvidas e a interação foi constante, pois a comunidade Payayá sempre se fazia presente e atuante nos encontros.

Em contraponto, foi percebido nos círculos *on-line* a ausência de algumas pessoas da aldeia pela dificuldade ao acesso à *internet*, cansaço pelo trabalho diário em relação ao horário dos encontros ou, ainda, por limitações tecnológicas. O povo Payayá sentiu-se acolhido nos círculos e as pessoas da comunidade emocionadas pela participação de indígenas que estão em processo de diáspora em outros estados. Relataram também a falta dos parentes, o sentimento de tristeza e dor que ainda existe por conta das perseguições no passado, as mesmas que levaram ao espalhamento desse povo com o crescimento dos Payayá fora do Território, integrantes do povo que agora busca pela sua ancestralidade.

A VISITA AO TERRITÓRIO INDÍGENA PAYAYÁ

Após a realização dos círculos *on-line*, organizou-se a expedição ao Território no período de 01 a 04 de junho de 2023 para o reconhecimento do conhecimento desse povo e maior discussão sobre a participação dos indígenas no processo de independência do Brasil na Bahia, ampliando-se o olhar sobre o Dois de Julho.

A organização dessa visita deu-se de forma planejada, com financiamento da UNEB, que acompanhou e apoiou todas as etapas do projeto de extensão. Além do recurso do edital, conseguiu-se um veículo pequeno na Universidade e permitido ao Centro de Pesquisa em Educação e Desenvolvimento Regional (CPEDR), a alocação de uma van para levar estudantes da Instituição, pesquisadores participantes do Grupo de Pesquisa Educação, Etnicidade e Desenvolvimento Regional (GEEDR), técnicos e professores da UNEB e povo Payayá que mora em Salvador.

No momento dos círculos presenciais, trouxe-se a proposta de círculos de cultura e também de oficinas para estimular na prática a vivência no Território, com trilha, visita à represa do Rio

Utinga e Cachoeira da Mariazinha. As técnicas utilizadas para a coleta de dados foram a observação e os círculos de cultura. Na proposta metodológica pretendeu-se identificar e compreender o espaço multirreferencial de aprendizagem no território Payayá e suas repercussões para a difusão do conhecimento. Além disso, despertou-se a compreensão do modo em que os aspectos cognitivos e polilógicos do povo Payayá dialogam com o processo de afirmação de sua identidade e cultura, destacando as potencialidades e as dificuldades existentes na transformação do território indígena e almejou-se pesquisar a contribuição da cultura desse povo na transformação do território em um espaço multirreferencial de aprendizagem através de uma análise cognitiva.

A “pesquisa qualitativa abarca o alcance de dados discutidos para análise por meio da interação do pesquisador com o contexto de estudo. Esse tipo de pesquisa preza pela descrição detalhada dos fenômenos e dos elementos que o envolvem” (LUDKE, ANDRÉ, 1986, p. 35). Quanto aos procedimentos, “a característica importante da pesquisa-ação é o seu processo integrador entre pesquisa, reflexão, e ação, onde se dá o tempo e espaço para a apreensão cognitiva/emocional das novas situações vividas por todo o grupo de pesquisadores” (ELLIOT, 1998, p. 137).

A realização de círculos de cultura na modalidade presencial com o povo indígena Payayá deu-se em um processo de construção do conhecimento com os parentes, a partir de torés, leituras e reflexões sobre as produções artísticas desses povos originários da Cabeceira do Rio, Utinga/BA. A proposta da observação é o círculo de cultura utilizada por autores como Paulo Freire: “No Círculo de Cultura, o processo educacional se amplia de tal forma que, pelo diálogo, há um crescente criativo de novas descobertas, individuais e coletivas, que não educa o sujeito apenas para um determinado saber ou fazer” (2003, p. 171). Assim, essa prática ganha maior flexibilidade no desenvolvimento das ações e a interação e participação dos autores se desenvolvem em fatores importantes no processo de pesquisa-ação.

Para Michel Thiollent:

É um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos do modo cooperativo ou participativo. (1985, p. 14)

Nos círculos de cultura presenciais foram abordadas temáticas sobre os povos indígenas, Território e reparação com o Cacique Juvenal e Edilene Payayá; sobre tecnologias no campo com palestra do Prof. Dr. Itã Payayá, com formação em física e mecatrônica; sobre experiências dos Payayá com o mundo acadêmico, com depoimentos de estudantes indígenas; sobre produções culturais dos Payayá com Edilene Payayá, Juvenal Payayá, Itã Payayá, Ana Cleide Payayá, Prof. Dr. Silvio Roberto Oliveira e Profa. Dra. Leliana Sousa; sobre mulheres Payayá com o coletivo de mulheres, com o qual falou-se sobre o uso das ervas para a saúde. Houve o lançamento do cine circulante socioambiental, que abordou a questão da territorialização das comunidades tradicionais;

a utilização do audiovisual como ferramenta pedagógica e de formação de base para cidadania com Eduardo Zanatta; também houve a importância do solo com Iana Landim; a Naturopatia e o poder das ervas na saúde e reflexões sobre o Território indígena Payayá com Otto Payayá, que falou sobre os cuidados com as sementes, com o reflorestamento, com o cuidado na alimentação e na importância das ervas para a saúde; o círculo de cultura sobre saberes e memórias dos povos tradicionais na Bahia e o Território indígena Payayá como espaço multirreferencial de aprendizagem com Ana Cleide Payayá, Prof. Dr. Silvio Roberto Oliveira e Profa. Dra. Leliana Sousa, nessa oportunidade sendo finalizado o seminário com o convite ao Dois de Julho em Salvador e posição sobre a situação do processo do pedido de concessão de Título de Doutor *Honoris Causa* ao Cacique Payayá, informando que foi deferido, pois estava na pauta do então próximo CONSU da UNEB, agendado para o dia 19 de junho de 2023.

No projeto teve-se oficinas com trilha para conhecer o Território; para discutir a importância do meio ambiente para o Planeta Terra, pois o evento aconteceu na Semana do Meio Ambiente e o povo Payayá preza pelo reflorestamento e preservação da natureza; teve-se plantação de mudas para cerca viva no Território; visita à área reflorestada com mudas nativas do Viveiro Payayá; visita à casa do Cacique Juvenal e à represa do Rio Utinga; produção de refrigerante de hibisco com Val Payayá; preparação de sopa de abóbora com licuri com Jacinta Payayá; visita à cachoeira da Mariazinha e a maravilhosa oficina de Jacinta Payayá, com a preparação de sucos detox e funcionais, com a recomendação de seus usos enquanto remédios.

Percebeu-se a presença das lideranças indígenas na pessoa do cacique Juvenal Payayá, de Otto Payayá e na força feminina de Edilene Payayá, que possuem saberes e protegem esse Território. Há outras inúmeras pessoas indígenas de relevância na aldeia, como Val Payayá, que trabalha diariamente plantando e colhendo para produzir geleias, doces e bebidas como o refrigerante de hibisco, licores e outras iguarias.

PARTICIPAÇÃO DO PROJETO NO DIA DOIS DE JULHO

Após o início de execução dos projetos, a Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da UNEB propôs a participação e divulgação de todos os projetos no dia do desfile do Dois de Julho, em Salvador, no Centro de Estudos dos Povos Afro-Índio Americanos (CEPAIA), localizado no bairro Santo Antônio Além do Carmo. A proposta contribuiu para o envolvimento de todos os participantes da Campanha Igualdade e Justiça, no sentido de evidenciar o apoio da Universidade nos movimentos sociais e nessa data histórica e importante ao povo baiano.

Conforme programa veiculado na TV UNEB (2023), no CONSU do dia 19 de junho, por meio de votação secreta entre os Conselheiros da Universidade, foi aprovada por unanimidade o

Título de Doutor *Honoris Causa* ao Cacique Juvenal Payayá. Tem-se agora a Resolução Nº 1.576/2023, publicada no Diário Oficial do Estado da Bahia, em 30 de junho de 2023, com a referida outorga. Em breve, será agendada a cerimônia para a entrega do diploma. Assim, o evento do Dois de Julho foi ainda mais especial ao projeto e ao povo Payayá. Alguns indígenas puderam participar e para o Cacique foi a sua primeira atividade na Universidade após o recebimento da homenagem.

O projeto de extensão *O território indígena Payayá: espaço multirreferencial de aprendizagem no campo da Análise Cognitiva* apresentou-se no CEPAlA com uma roda de mulheres, recital de poemas, divulgação dos produtos, geleias e ervas, livros dos Payayá: *Fenomenal* e *Roda de Prosa*, com exposição e venda dos livros e de arte Payayá, com a divulgação e apresentação do toré Payayá.

Esta ação permitiu a troca de saberes com as outras comunidades envolvidas na Campanha e a inclusão das mesmas no ambiente universitário, com práticas dentro da UNEB. Permitiu-se a compreensão dos projetos, a visualização de suas correlações no contexto de fortalecimento do movimento de luta e resistência nesta data rica de simbologias e ancestralidade.

RESULTADOS

Como devolutiva nesse projeto pode-se confirmar a forte participação da comunidade indígena Payayá em interação com a comunidade unebiana, tanto nos encontros *on-line* como no encontro presencial. Os participantes do evento além de conhecerem o Território puderam se envolver em ambiente místico rico de forças ancestrais, o que se comprova nos depoimentos de várias pessoas que atestaram sobre sua ancestralidade e pertencimento à etnia.

O povo Payayá continua a perceber a sua fundamental participação no Dois de Julho enquanto acontecimento histórico continua a refletir sobre os mesmos e suas vivências. O indígena foi personagem forte nesse evento e até os dias atuais esse povo luta pelo seu reconhecimento, por dignidade e respeito. A aldeia recebeu a todos/as com muita satisfação e demonstrou interesse em acompanhar toda a pesquisa em atendimento à Campanha Igualdade e Justiça, assim como receber a UNEB novamente em outro momento com a presença de gestores, alunos e pesquisadores que possam contribuir com o MAIP e elencar novas conquistas ao Território.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste projeto de extensão, a proposta das ações de observação e da realização dos círculos de cultura foi de fortalecer os saberes cotidianos dos sujeitos, influenciando-os por meio dos problemas sociais, ambientais e culturais que vivenciam, permitindo diálogos com a prática.

Espera-se que o processo investigativo através da pesquisa-ação, utilizando como instrumentos a observação e os círculos de cultura sejam capazes de envolver o povo Payayá em

uma dinâmica prazerosa na construção do conhecimento sobre as questões culturais, através das trocas de experiências pelas ações dialógicas entre os pares, palestras e oficinas, realizadas nessa comunidade indígena. Estima-se que haja um retorno aos envolvidos no processo, através de uma ação educativa, que contribua com a melhoria nos espaços de vivência para que possamos qualificar a metodologia como eficaz na difusão do conhecimento sob aspectos cognitivos, polilógicos, de reconhecimento, identidade, autodeterminação e de desenvolvimento.

Os autores deste artigo agradecem ao Departamento de Educação, Campus I (DEDC I), ao Centro de Pesquisa em Educação e Desenvolvimento Regional (CPEDR) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) pela execução do projeto em rede colaborativa, ao Programa de Apoio à Capacitação de Docentes e Técnicos Administrativos da UNEB (PAC-DT) e à comunidade indígena Payayá pela contribuição na pesquisa, ao valor dado aos trabalhos acadêmicos e científicos, assim como suas contribuições à sociedade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernando. *Os Desafios da Sustentabilidade: uma ruptura urgente*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

ARAGÃO, Raimundo Batista. *Índios do Ceará e topônimos indígenas*. Fortaleza, Barraca do Escritor Cearense. 1994.

BAHIA. Resolução nº 1.576, de 30 de junho de 2023. Outorga o Título de Doutor *Honoris Causa* ao Ilustríssimo Senhor Juvenal Teodoro da Silva (Cacique Juvenal Payayá). *Diário Oficial da Bahia*, Salvador, 30 jun. 2023. Disponível em: <<https://dool.egba.ba.gov.br/login>>. Acesso em: 04 jul. 2023.

BAHIA. Edital nº 111/2022 PROAPEX/UNEB. Referente ao Aviso nº 188/2022. *Diário Oficial da Bahia*, 14 out. 2022. Disponível em: <file:///C:/Users/acssouza/Downloads/Edital_111_2022_Aviso_188_2022_Edicao_Especial_do_Programa_de_Apoio_a_Projetos_de_Extensao_PROAPEX.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2023.

BAHIA. Mapa da Palavra. América Indígena (Dedicado a arqueóloga Niede Guidon). *Fundação Cultural do Estado da Bahia*, 2014. Disponível em: <<https://mapadapalavra.ba.gov.br/juvenal-payaya/>>. Acesso em: 06 de jul. 2023.

BAHIA. Sistema Eletrônico de Informações (SEI). Secretaria da Administração (SAEB). Governo do Estado da Bahia, 2023. Disponível em: <<http://www.portalseibahia.saeb.ba.gov.br/>>. Acesso em: 25 jun. 2023.

ELLIOT, John. Recolocando a pesquisa-ação em seu lugar original e próprio. In: GERALDI, Corinta Maria G.; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabete. Monteiro de A. (Orgs.). *Cartografias do trabalho docente*. Campinas: Mercado da Letras, 1998, p. 137-152.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 27. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FRÓES BURNHAM, Teresinha. *Análise cognitiva e espaços multirreferenciais de aprendizagem: currículo, educação à distância e gestão/Difusão do conhecimento. Espaços multirreferenciais de aprendizagem locus de resistência à segregação sociocognitiva?* Salvador: EDUFBA, 2012.

GALEFFI, Dante Augusto. Delineamentos de uma filosofia do educar polilógica: no caminho de uma ontologia radical. In: *Encontro do GT de Filosofia da Educação do Norte e Nordeste*, UFPE, 2002.

JUVENAL PAYAYÁ. *Encontro dos 14+ Povos Indígenas da Bahia*. Povos indígenas reunidos em Rodelas dançando o Toré na praia de Surubabel e recebendo o povo Payayá. YouTube, 19 jul. 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=U0GDVQLhUYQ>>. Acesso em: 15 mai. 2023.

LIMA, Jamille S. *O sentido geográfico da identidade: metafenomenologia da alteridade Payayá*. Tese (Doutorado em Geografia), Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2019. Disponível em:

<http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/335046/1/Lima_JamilleDaSilva_D.pdf>.

Acesso em: 14 jun. 2023.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. In: *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986, p. 35-44. Disponível em:

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5098163/mod_resource/content/2/Lud_And_cap3.pdf>.

Acesso em: 16 jun. 2023.

MORIN, Edgar; CIURANA, Emilio Roger; MOTTA, Raúl. *Educar na era planetária. O pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana*. São Paulo: Cortez, 2003.

NICOLESCU, Basarab. *O manifesto da transdisciplinaridade*. São Paulo: Triom, 2008.

PAYAYÁ, Juvenal; PAYAYÁ, Edilene. *Fenomenal ou Vento em Fúria: história da cabeceira do primeiro rio*. 2. ed. Salvador, BA: Ed. dos Autores, 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0iiWG6Yrquk>>. Acesso em: 11 jun. 2023.

PUNTONI, Pedro. *A guerra dos Bárbaros – Povos indígenas e a colonização do sertão nordeste do Brasil, 1650-1720*. São Paulo: Hucitec-Edusp, 2002.

SOUSA, Leliana S. de.; PONTES, Ketsan E. P.; GALVÃO, Patrícia C. S.. *Saberes e Práticas da Saga Indígena Nordestina*. In: II Seminário Povos Indígenas e Sustentabilidade, 2007, Campo Grande. Rede de saberes - Saberes e Práticas Interculturais na Universidade. CAMPO GRANDE: UCDB-CAMPO GRANDE, 2007. Disponível em: <<http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/Folheto60/FO-CX-60-3905-2008.PDF>>. Acesso em: 25 jun. 2023.

TEIA DOS POVOS. *VI Jornada de Agroecologia da Bahia*. Cabeceira do Rio, Utinga, 2019. Disponível em: <<https://teiadospovos.org/carta-da-ivjornada-de-agroecologia-da-bahia-2019-teia-dos-povos/>>. Acesso em: 10 mai. 2023.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa-Ação*. São Paulo: Cortez, 1985.

TV UNEB. Reunião CONSU 19/06/23. YouTube, 19 jun. 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DlQ8-jg7EpM>>. Acesso em: 25 jun. 2023.

TV UNEB SEABRA. Curtas ELA Ancestralidades - Oré Payayá. YouTube, 11 abr. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/results?search_query=OR%C3%89+PAYAY%C3%81>. Acesso em: 02 mai. 2023.

TV UNEB SEABRA. Ybyîara Payayá: Conquista do Território- ELA. YouTube, 14 abr. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GFThktlYMSo>>. Acesso em: 02 mai. 2023.